



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,**

**EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**A FAMÍLIA E A ESCOLA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM**

**DISLEXIA**

**JOUSI QUEILA SOUZA SILVA**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ELEN DE SOUSA GONZAGA**

**BRASÍLIA/2015**



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**JOUSI QUEILA SOUZA SILVA**

**A FAMÍLIA E A ESCOLA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM  
DISLEXIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em  
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar,  
do Departamento de Psicologia Escolar e do  
Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elen de Sousa Gonzaga

BRASÍLIA/2015

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**A FAMÍLIA E A ESCOLA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM  
DISLEXIA**

**JOUSI QUEILA SOUZA SILVA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em \_\_\_/\_\_\_/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

**PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ELEN DE SOUSA GONZAGA**

---

**NOME DO EXAMINADOR (Examinador)**

---

Jousi Queila Souza Silva

BRASÍLIA/2015

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta pesquisa a todos os alunos com algum tipo de deficiência, que já enfrentaram ou enfrentam a discriminação, que lutam e têm coragem de se superarem.

Aos colegas de caminhada que se entregam se dedicam e, jamais abrem mão de acreditar na inclusão à diversidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que me permite portar a verdade divina no mais íntimo de meu ser. Por ter possibilitado pertencer a minha família e receber instruções de afeto e valores tão primordiais para a vida, bem como para o ofício desta profissão, a qual requer nossa sensibilidade para que possamos humanizar àqueles que percorrem o caminho escolar sob nossos cuidados, além de terem compreendido a falta de tempo para outras atividades, enquanto me dedicava aos estudos.

A uma pessoa especial em minha vida, que me incentivou a estudar sobre aquilo que gosto.

Aos mestres desta instituição que me instruíram com rico conhecimento e muito me acrescentaram com ímpar dedicação.

Aos colegas que me incentivaram a continuar estudando e me apoiaram ao ingressar nesse curso.

Muito obrigada, pois sem estes, não teria sido possível chegar tão longe.

## RESUMO

A pesquisa realizada tem o objetivo de estudar a relação entre família e escola, e as atitudes que ambas devem tomar com relação à aprendizagem, ao desenvolvimento e à socialização da pessoa com necessidades educacionais especiais. Foram realizadas pesquisa de campo dentro de uma escola regular, entrevistas com a família, com a direção da escola, professores e observação direta de uma criança com dislexia, além disso, foram realizadas diversas pesquisas bibliográficas. O estudo do caso de uma criança com dislexia trouxe a possibilidade de perceber que a família é fundamental para o sucesso na realização do trabalho com a inclusão e a escola precisa buscar essa aproximação, incluir não só o aluno, mas também a família no processo de desenvolvimento da criança. Portanto, através da pesquisa realizada foi possível também perceber as alternativas viáveis para que a inclusão aconteça realmente e que a família seja o apoio que a escola tanto necessita, estando dentro do que a legislação brasileira determina e orienta para a inclusão escolar.

**Palavras-Chave:** Inclusão, Família, Escola, Dislexia.

## ABSTRACT

The research aims to study the relationship between family and school, and the attitudes that both should have towards the learning process, the development and the socialization of people with special educational needs. A field research within a regular school, interviews with the family, with the school management, teachers and direct observation of a child with dyslexia were carried out, also several literature searches were made. The case study of a child with dyslexia brought the possibility to realize that the family is fundamental for success in carrying out the work with inclusion and the school must pursue this approach including not only the student but also the family in the child's development process. Therefore, through the survey it was possible to realize the viable alternatives to the inclusion really happen and that the family is the support that the school badly needs, being within what the Brazilian law determines and guides for school inclusion.

**Keywords:** Inclusion, Family, School, Dyslexia.

## SUMÁRIO

### RESUMO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	9
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	11
2.1 A família e a escola processo de inclusão escolar .....	11
2.2 Família e inclusão de acordo a LDBEN e A Declaração de Salamanca .....	12
2.3 A importância da família no processo de inclusão escolar e os impasses enfrentados .....	15
<b>3 OBJETIVOS</b> .....	17
3.1 Geral .....	17
3.1 Específicos .....	17
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	18
4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia .....	18
4.2 Contexto da pesquisa .....	18
4.3 Participantes .....	19
4.4 Materiais .....	19
4.5 Instrumentos da construção de dados .....	20
4.6 Procedimentos da análise de dados .....	21
<b>5 RESULTADOS</b> .....	22
<b>6 DISCUSSÃO</b> .....	28
5.1 Breve histórico da criança com dislexia segundo a família e sua relação com escola.....	28
5.2 A realidade da inclusão escolar de uma criança com dislexia na Escola Branca de Neve na visão dos professores .....	30

5.3 A equipe gestora da escola e sua relação com a família e a inclusão ----- 33

**6 CONSIDERAÇÕES FINAIS** ----- 36

**REFERÊNCIAS** ----- 38

## **APÊNDICES**

A –ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EQUIPE GESTORA DA ESCOLA---- 40

B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A FAMÍLIA ----- 41

C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM CORPO DOCENTE DA ESCOLA --- 42

## **ANEXOS**

A- Carta de Apresentação – Escola (Modelo) ----- 43

B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor ----- 44

C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais ----- 45



## 1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso teve como base pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo com a intenção de estudar a relação entre família e escola, e as atitudes que ambas devem tomar com relação à aprendizagem, ao desenvolvimento e à socialização da pessoa com necessidades educacionais especiais (NEE). Visando perceber, através deste trabalho, como vem acontecendo a abordagem de inclusão escolar na escola selecionada e reconhecer alternativas e ações que estão possibilitando o desenvolvimento do aluno com necessidades educacionais especiais e o apoio familiar em sua vida escolar.

A relação entre a família e a escola dentro do contexto da inclusão escolar é instigante, pois é possível perceber que muitas famílias não têm interesse em colocar a criança com NEE na escola por superproteção, por falta de conhecimento ou até por achar que o ingresso na escola trará algum desenvolvimento para a criança. Muitos são os fatores que interferem nessa relação, mas é de suma importância que haja diálogo entre família e escola para obterem resultados satisfatórios.

Dentro desse contexto algumas questões são levantadas, como por exemplo: Qual o papel da família no processo de inclusão? Qual o papel da escola diante dessas famílias? Como transpor o desafio da inclusão? Essas questões foram muito importantes para a busca da fundamentação desse estudo.

Os pais de crianças com necessidades educacionais especiais percorrem um caminho de grandes desafios na educação dos filhos e têm papel fundamental para a realização da inclusão e do desenvolvimento. O preconceito, por exemplo, constitui um problema a ser enfrentado pela criança e pela família que naturalmente se sente angustiada em ter que deixar a criança à mercê da discriminação.

As leis que denotam a inclusão foram criadas, mas nem sempre são cumpridas, além disso, faltam ainda profissionais capacitados dentro da escola que estejam dispostos a fazer com que a inclusão realmente aconteça, outro fato é a escassez de materiais e recursos didáticos para trabalhar com os alunos com NEEs. Porém, há também escolas que dispõem de materiais e sala de recursos, mas não têm profissionais para realizar o trabalho, ou quando têm profissionais capacitados não têm materiais adequados disponíveis. Enfim, muitas são as

situações enfrentadas pela escola, pelas famílias pela própria pessoa com necessidades educacionais especiais e pela sociedade em geral diante do processo de inclusão.

A escola necessita de uma preparação para que a inclusão aconteça e que o aluno tenha bom desenvolvimento, interagindo com a família e mostrando que quanto mais a família estiver presente nesse processo, dando suporte necessário, apoio e incentivo, melhor será o trabalho desenvolvido, pois se a escola trabalhar sozinha dificilmente alcançará seus objetivos. Ao realizar a pesquisa de campo em uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, foi possível dialogar com professores, direção, observar aulas e entrevistar a família de uma criança com NEEs, trazendo uma melhor vivência e experiência prática para essa pesquisa.

A experiência como professora do Ensino Fundamental I me proporcionou o desejo de pesquisar a questão da relação entre a escola e família no processo de inclusão, pois tive ao longo de 7 anos como professora várias experiências como a falta de apoio da família que tem crianças com NEEs, também a falta de recursos para trabalhar com essas crianças, a dificuldade da aceitação dos pais ao perceberem que o filho tem alguma deficiência ou tipo de transtorno. Na prática a inclusão é complexa, mas buscando conhecimento é possível alcançar os objetivos, ao realizar uma pesquisa como esta é possível analisar como tem sido o desenvolvimento do processo de relação entre a família e a escola, relacionadas à inclusão especificamente na Escola Branca de Neve em Carinhanha, Bahia, que atende crianças do Maternal a partir de 2 anos de idade até o 5º ano de Ensino Fundamental, dentro dessa perspectiva algumas informações foram disponibilizadas. Portanto esse trabalho de investigação é também uma busca por uma sugestão de solução viável para que a inclusão realmente aconteça e não fique apenas no papel.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A família e a escola e o processo de inclusão escolar

É notório que na aprendizagem de pessoas com necessidades educacionais especiais o meio no qual vivem é muito importante. A parceria de ambas as instituições, familiar e escolar, é imprescindível. Sem ter apenas aquela visão de que matricular o aluno com deficiência em uma das salas de aula de ensino regular é o suficiente, a família deve exercer seu papel, bem como a escola fazer com que essa relação seja amigável, que possibilite novas descobertas, com intuito que a inclusão de fato aconteça. Os autores Kreppner, Dessen e Polonia (2007, p. 27) afirmam que

A família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades. O início da trajetória da inclusão no Brasil começa a ser traçada no século XVI, por médicos e também pedagógicos que desafiaram os conceitos adotados na época, acreditando nas possibilidades de indivíduos até então considerado ineducáveis.

Com base nesse pressuposto, percebemos que a família precisa acreditar na inclusão, perder aquela superproteção dada a crianças com necessidades educacionais especiais, e buscar conhecimento sobre essa necessidade, permitindo seu desenvolvimento, pois em muitos casos as famílias não gostam de expor ou de fazer com que a criança com NEE tenha uma vida social. Entretanto, é através do conhecimento que essa situação é modificada, e a escola é grande aliada para levar conhecimento às famílias, a buscar estratégias de trabalho e a promover a inclusão.

É de suma importância que a família e escola tenham o conhecimento necessário para estimular o desenvolvimento dos alunos, o apoio emocional também é muito importante, a autoestima da criança com NEE também precisa ser trabalhada, enaltecendo sempre seus sucessos, avanços e desenvolvimento, para que esse aluno não se sinta diminuído diante de suas dificuldades, pois sabemos que cada um tem suas limitações. Entretanto, é necessário perceber a inclusão como um processo gradativo e de busca por um desenvolvimento tanto na própria pessoa deficiente, quanto na comunidade escolar, na família e na sociedade em geral.

A família é uma parceira, os pais criam grandes expectativas ao colocar o filho na escola, almejam que o mesmo se socialize, se desenvolva intelectualmente e psicologicamente, porém a escola sempre deixa claro que sozinha não pode tudo.

A participação dos familiares e dos profissionais evidenciou uma relação de passividade e submissão típicas de um modelo de atendimento centrado nos profissionais. Ao mesmo tempo em que os profissionais relatam a importância da família, a própria não prioriza os serviços e atendimentos familiares. As políticas públicas nas esferas da saúde e da educação enfatizam a importância de se trabalhar com as famílias, mas não oferecem subsídios que possam nortear o seu planejamento e, tampouco, apresentam ações intersetoriais com o foco na família necessidades especiais – NE. Os dados deste estudo sugerem a necessidade de se envidar esforços para a melhoria da qualidade do atendimento às famílias com NE em todas as esferas dos serviços de educação e saúde. (SILVA 2011, p.10)

Em contrapartida, a inclusão da criança e da família pode ser uma decisão da própria escola, com o objetivo de melhorar o trabalho desenvolvido. Quando a criança tem o apoio da família, a aceitação de suas limitações facilita muito o trabalho da escola. Para Kaloustian (1998, p.11-12)

a família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como se vêm estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos o valor ético e humanitário, e onde se aprofundam os laços de solidariedade.

Concordando que a família é este espaço indispensável na vida das crianças, a escola deve sempre buscar trazer a família para participar da vida escolar de seus filhos, independente de terem algum tipo de NE ou não, a inclusão engloba todos, e é de fundamental importância para o bom desenvolvimento das crianças.

## **2.2 Família e inclusão no contexto da LDBEN e A Declaração de Salamanca**

Lutar pelos direitos das pessoas com deficiência ou algum tipo de transtorno é algo que já vem acontecendo há algum tempo. As pessoas com NEE, durante muito tempo, foram mantidas separadas e excluídas da vida em sociedade. Em texto de Silva (1986), é relatado que algumas pessoas com deficiência eram mantidas em reformatórios, abrigos, asilos, outros eram mantidas dentro de casa sem contato com as demais pessoas da família e da comunidade em geral, eram desvalorizados e tidas como incapazes. Com o passar do tempo, várias pesquisas começaram a ser desenvolvidas em torno das pessoas com NE, que trouxeram inicialmente a possibilidade de apenas as pessoas com transtornos e deficiências leves a

participarem de atividades simplificadas no meio social. Segundo Silva (1987, p.131), “as pessoas com alto grau de deficiência permaneciam excluídas, já que ainda não haviam estudos aprofundados sobre esses indivíduos”, e havia ainda insegurança das famílias que optavam por mantê-los em casa distantes das atividades sociais.

A lei de Diretrizes e bases do Brasil, no ano de 1961, constituiu o direito dos “excepcionais” à educação, reforçando o encaminhamento dos alunos para as classes e escolas especiais. Ao longo da luta pela inclusão, mesmo as escolas especiais eram pouco existentes, sua maioria era nos grandes centros e a população de deficientes do interior do Brasil permanecia sem frequentar a escola. Dentro desse contexto, é importante ressaltar que o uso de materiais e metodologias específicas partiu das escolas especiais, assim como cursos de formação para professores. No ano de 1988, a Constituição Federal deliberou a educação como “um direito de todos, (art. 205)”, estabelecendo “igualdade de condições de acesso e permanência na escola (art. 206)”, sendo “o ensino dever do Estado, garantindo a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208).” Assim, com o surgimento de novas leis de apoio e suporte a pessoa com deficiência, a inclusão vem sendo debatida e compreendida como necessidade de que isso aconteça realmente dentro das escola e da sociedade em geral.

Nos dias 07 e 10 de junho de 1994, na cidade espanhola de Salamanca, foi realizada uma Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, que resultou na Declaração de Salamanca em 1994, que defende a inclusão de crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino.

Sabemos que independente de ter ou não necessidades educacionais especiais, a educação das crianças não cabe somente à escola. A Declaração de Salamanca (1994) ressalta a importância da participação da família na inclusão escolar, não deixando a responsabilidade somente na escola, faz-se necessário também que as famílias busquem apoio de profissionais da área da saúde e podem, dependendo da situação, estar envolvendo essas crianças em outras atividades sociais. Nesse contexto A Declaração de Salamanca (1994, p. 2) enfatiza

Encorajem e facilitem a participação de pais, comunidade e organizações de pessoas com deficiência nos processos de planejamento e tomada de decisão concernente à provisão de serviços para necessidades educacionais especiais

A escola deve buscar serviços adequados para acolher a diversidade de sua clientela, sabemos que nem sempre a realidade permite que novas práticas sejam trabalhadas, devido à falta de recursos, porém o ponto de partida é necessário, pois aos poucos é possível contemplar as especificidades de cada indivíduo e a construção de uma sociedade que respeite as pessoas e suas diferenças, além de trazer a família para esse processo de inclusão, a escola pode fazer essa ligação entre família e escola. Sobre a questão de a escola acomodar os diversos alunos que são matriculados, A Estrutura de Ação em Educação Especial, adotada pela conferência Mundial em Educação Especial, tem como princípio:

O dever das escolas acomodarem todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos desvantajados ou marginalizados [...]

Muitas crianças experimentam dificuldades de aprendizagem e, portanto possuem necessidades educacionais especiais em algum ponto durante a sua escolarização. Escolas devem buscar formas de educar tais crianças bem-sucedidamente, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. Existe um consenso emergente de que crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devam ser incluídas em arranjos educacionais feitos para a maioria das crianças. Isto levou ao conceito de escola inclusiva. (BRASIL, 1994).

A legislação existe, porém nem sempre é cumprida, através da observação realizada, isso é notório, pois não há formação suficiente para os professores, faltam recursos didáticos, estrutura física adaptada aos deficientes físicos, enfim, o desejo de que a inclusão aconteça existe, mas a condição real da escola, nesse caso especificamente que foi pesquisado, ainda há a necessidade de melhorias nesses aspectos, muito já tem sido feito, mas ainda há muito para ser feito.

A Lei de Diretrizes e Bases LDB é composta por 92 artigos, que constituem temas diversificados relacionados à educação do Brasil, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Especificadamente em seu capítulo V, em seus artigos 58º e 59º, trata da educação especial como:

Art. 58º. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com necessidades especiais.

I - Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

II - O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular

. III - A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. Art. 59º. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;

II - Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

### **2.3 A importância da família no processo de inclusão escolar e os impasses enfrentados**

É evidente que o interesse pela vida escolar dos filhos é parte fundamental em seu processo de desenvolvimento. A criança dentro da família precisa sentir-se valorizada, incentivada a se desenvolver de forma segura, visando também sua autoestima. De acordo com López (2009, p.20), “são os pais os principais responsáveis pela educação dos seus filhos e tal responsabilidade não se pode passar para outrem”. Para ele, os pais têm total autoridade e obrigação de educarem e de estarem presentes no desenvolvimento dos filhos, é claro que respeitando as particularidades da criança, mas a responsabilidade maior é da família.

Sabemos que com relação à inclusão a família é primordial, já que é dela que deve partir a iniciativa de colocar uma criança com NE na escola e envolver-se na vida escolar dela, buscando um bom relacionamento com a escola, sem depositar na instituição de ensino a obrigação de cuidar, ou de fazer com que seu filho aprenda e se desenvolva como as outras crianças ditas “normais”. É preciso, dentro dessa relação com a escola, já estabelecer um diálogo em que cada uma reconheça seu papel. López (2009, p.34) relata que

As famílias precisam contribuir com a escola, devendo mostrar-se interessadas pelos deveres de seus filhos, conversando com professores para ter informação constante sobre o processo educativo concretizado na instituição escolar, dando a cooperação solicitada para tornar mais eficaz a ação escolar e, também, respeitar os conhecimentos e as habilidades que a instituição proporciona.

De acordo com o autor, as famílias precisam contribuir com a escola, nesse sentido, não devem aguardar as reuniões formais, mas sim estar sempre presentes, mostrando seu apoio e interesse no desenvolvimento do filho, necessitam também buscar informações sobre o tipo de deficiência apresentada pela criança.

Diante disso, a boa relação com a família também deve partir do professor, de estar sempre se comunicando com a família e mesmo que haja resistência de alguns pais em estarem mais presentes na vida dos filhos, o docente tem a possibilidade de buscar alternativas para melhorar essa relação. Outro ponto interessante foram os convites que os pais recebem diariamente para estarem visitando a escola, participando do cotidiano, sem que fiquem em casa aguardando somente o bilhete da reunião de pais e mestres. Para Sampaio (2011, p.43)

Não é de uma hora para outra que é criado o vínculo afetivo familiar, mas este deve ser cultivado desde a primeira infância, respondendo a seus intermináveis porquês e, com calma, às muitas contra-argumentações, quando se proíbe a criança de fazer algo e se mostrando interessado não só pelas notas do boletim escolar, mas pelo dia-a-dia escolar do filho. Os familiares devem, portanto, se colocar à disposição para auxiliar o filho nas tarefas escolares sempre que o mesmo necessitar, abertos ao diálogo, pois, manter o diálogo aberto é imprescindível para uma boa relação familiar. Os pais participativos conhecem a maneira de pensar dos filhos, como aprendem ou quando têm dificuldade, o que gostam e o que não gostam. Sendo assim, essa cooperação entre família e escola contribuindo uma com a outra e fazendo cada uma a sua parte leva o sucesso no rendimento escolar dos alunos.

Nesse sentido, a escola, por ser uma instituição bem informada, pode promover a ligação maior com a família, promovendo a inclusão e o desenvolvimento de todos os alunos, com ou sem deficiência, respeitando as particularidades de cada um.



### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Geral**

- Estudar a relação entre família e escola, e as atitudes que ambas devem tomar com relação à aprendizagem, ao desenvolvimento e à inclusão de um aluno com dislexia.

#### **3.2 Específicos**

- Verificar como tem sido o desenvolvimento do processo de relação entre a família e a escola, relacionado à inclusão;
- Conhecer o trabalho voltado à inclusão de uma criança com dislexia na classe regular;
- Reconhecer alternativas e ações que possibilitem o desenvolvimento do aluno com dislexia em sua vida escolar.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 - Fundamentação Teórica da Metodologia**

A pesquisa foi realizada de acordo a abordagem qualitativa, utilizando o estudo de caso de uma criança com dislexia. No decorrer da pesquisa as informações foram colhidas e fundamentadas de forma imparcial, visando à qualidade do trabalho. Para melhor embasamento teórico, foi dedicado um tempo às pesquisas bibliográficas, nesse sentido, Santos, Molina, Dias (2007, p. 127) ressaltam sobre esse tipo de pesquisa:

É obrigatória a todo e qualquer modelo de trabalho científico. É um estudo organizado sistematicamente com base nos materiais publicados. São exigidas a busca de informações bibliográficas e a seleção de documentos que se relacionam com os objetivos da pesquisa.

### **4.2- Contexto da Pesquisa**

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Branca de Neve, no município de Carinhanha, Bahia. É uma escola da rede particular de ensino que atua há 31 anos na área educacional, atendendo alunos a partir de dois anos de idade, do maternal ao 5º ano do Ensino Fundamental. A escola vem trabalhando com a inclusão há muitos anos, tem profissionais experientes, todos formados em suas áreas, é uma escola de pequeno porte, tem cerca de 130 alunos matriculados, a estrutura física não está totalmente adaptada a alunos com deficiência, mas a cada ano a direção vem mudando muita coisa para melhor atender sua clientela.

Uma das preocupações da escola é justamente a ligação com a família, sempre promove encontros bimestrais e envia circulares aos pais sobre tudo o que acontece na escola, além de convocá-los quando necessário e realizar eventos diariamente para que possam acompanhar de perto o desenvolvimento das crianças. Além disso, há uma preocupação com as crianças que apresentam algum tipo de deficiência, no sentido de acolhê-las e promover uma educação de qualidade. É importante ressaltar que os alunos que residem em pequenos municípios vizinhos e os demais que apresentem algum tipo de deficiência que necessitam de acompanhamento de profissionais da área da saúde têm um percentual de desconto na mensalidade.

A busca por alternativas e ações que possibilitem o desenvolvimento do aluno com deficiência e o apoio familiar em sua vida escolar é diário. O corpo docente é formado por pedagogos e psicopedagogos que acreditam na inclusão e buscam melhorar sua prática, para

garantir o ensino e aprendizagem e inclusão escolar, porém os profissionais da escola reclamam da falta de participação da família na vida escolar de algumas crianças, o que por inúmeras vezes atrapalha o bom andamento dos trabalhos realizados na escola.

A gestão da Escola Branca de Neve caracteriza-se como democrática, visando à formação integral do aluno, por isso não mede esforços na garantia de um ambiente favorável para o ensino e aprendizagem, proporcionando um ambiente agradável a todos. Além disso, a direção tem uma preocupação muito grande em atender os alunos com NEEs de forma inclusiva e vem trabalhando isso na melhoria da estrutura física da escola, investindo em materiais didáticos e no apoio pedagógico aos professores que recebem essas crianças.

### **4.3- Participantes**

Para melhor compreensão e aprofundamento da pesquisa, foram realizadas entrevistas com a diretora e também com a coordenadora pedagógica da escola, uma profissional com 32 anos de experiência na área educacional, graduada em Pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia clínica e institucional, que sempre recebe com afetividade e profissionalismo a todos os alunos com e sem deficiência, visando à inclusão em sua prática.

Aconteceram uma conversa informal e uma entrevista elaborada com a atual professora do 5º ano do Ensino Fundamental, série que o aluno está cursando. A mãe do aluno com dislexia também foi entrevistada. Todos os entrevistados se sentiram felizes em poder contribuir com esta pesquisa. Diante disso, para contrastar com as falas e as observações do aluno dentro da escola, foi realizada também uma pesquisa bibliográfica sobre esse contexto.

O estudo de caso do aluno com dislexia foi interessante, essa criança iniciou sua vida escolar aos três anos de idade na Educação Infantil, ao longo do tempo segundo a mãe foi se tornando o garoto problema da escola, foi crescendo e seu desenvolvimento comparado às demais crianças era mínimo, se tornou uma criança irritada, impaciente, sem vontade de estudar, trazendo até constrangimento para a mãe por receber tantas notificações do desinteresse do filho pelos estudos, pelo seu comportamento agitado e por sua dificuldade de aprender e se concentrar. A mãe afirma que *“a procura por uma nova escola que o acolhe-se foi uma tentativa de fazer com que ele aprendesse e se desenvolvesse e como retorno a família não recebesse tantas críticas e tantas reclamações”*. Foi uma tentativa que deu certo, afinal receber um garoto que tinha fama de ser o problema da escola anterior, despertou a curiosidade na direção e na professora em descobrir o motivo pelo qual ele era o problema e se realmente era uma criança realmente tão difícil de trabalhar. E com o decorrer do tempo

ficou visível que a dificuldade que a criança tinha de aprender gerava o comportamento agitado e impaciente, que mesmo sem o diagnóstico do fonoaudiólogo outras formas de trabalho foram realizadas com ele.

#### **4.4 – Materiais e Instrumentos de construção de informações**

Para realização dessa pesquisa, foram utilizados alguns itens:

- Termos de Consentimentos;
- Carta de apresentação;
- Textos impressos referente aos autores mencionados e a LDB e A Declaração de Salamanca;
- Entrevistas impressas;
- Computador.

#### **4.5- Procedimento de Construção de Dados**

Após o período de estudo e análise para escolha do tema, foram impressos e lidos diversos textos voltados para a inclusão escolar e logo após sobre a relação entre família e escola no processo de inclusão escolar, bem como a LDBEN e A Declaração de Salamanca, além de textos de autores diversos que escrevem sobre essa temática.

Após realizar a pesquisa bibliográfica, deu-se início a pesquisa de campo, na escola escolhida, com o caso de dislexia de um aluno já conhecido na comunidade. Realizada a entrega da carta de apresentação, mantendo inicialmente uma conversa informal com a direção em seguida deu-se a busca pela autorização da família para a realização da pesquisa, cuja foi aceita e disponibilizaram de tempo e de apoio ao que foi necessário.

O momento da escolha da escola foi muito importante, pois a inclusão é um tema complexo, já que nem todas as escolas conseguem manter uma boa relação com a família dos alunos com NE, assim como algumas famílias não conseguem se abrir ao diálogo, a aceitação da deficiência da criança e estar atenta ao seu desenvolvimento. A escola escolhida é da rede particular de ensino, uma escola com 31 anos de existência, muito bem conceituada e com ótimas referências.

Diante de a inclusão estar tão em evidência nas escolas regulares públicas, foi pensado em como é realizado esse processo dentro de uma escola particular e de qualidade. A direção

foi abordada em diálogo aberto, foram citados o curso, a universidade, a importância da formação profissional, da inclusão escolar e a relação entre a família e a escola. Demonstrando o tipo de pesquisa a ser realizada, e os instrumentos a serem utilizados, a pesquisa foi bem aceita e a direção se mostrou interessada em ajudar. Foram apresentados alguns casos de alunos com transtornos e deficiência e o caso observado foi o do aluno com dislexia. Foi obtida a autorização da família através de conversa com a mesma e apresentação já mencionada para a escola e a carta de autorização foi devidamente assinada pela mãe do aluno, além de terem sido agendadas as entrevistas com a família, com a professora e a direção, além da observação do aluno na escola.

Alguns questionários impressos foram utilizados, para facilitar as entrevistas com a família, profissionais da instituição, também diário de campo e roteiro de análise de documentos e observação.

Para enriquecimento da pesquisa e aprofundamento da temática abordada, foram realizadas entrevistas com a coordenadora pedagógica, os professores todos da escola pesquisada e com o psicopedagogo. Além do roteiro convencional da entrevista, foram realizadas conversas informais com a professora do aluno com dislexia, observação do aluno em sala de aula, o que foi de suma importância para a construção desse trabalho.

Sendo assim, a partir da verificação da participação da família na vida escolar de um dos alunos da Escola Branca de Neve, que foi diagnosticado com dislexia, surgiu a necessidade de delimitar o assunto através de observações no referido campo de pesquisa. No início, depois de devidamente autorizada, após ler o laudo médico da criança e conversar com a coordenação pedagógica e psicopedagoga, houve uma percepção sobre o relacionamento do aluno com a família, a participação da família nos assuntos escolares e como esses fatores interferem no desenvolvimento dessa criança, segundo as entrevistas realizadas.

#### **4.6- Procedimentos de Análise de Dados**

Os dados coletados durante a pesquisa foram organizados por categorias, a princípio foram selecionados alguns livros e artigos científicos sobre a temática abordada, em seguida ao partir para a pesquisa de campo os instrumentos utilizados foram o questionário e a conversa informal, bem como a observação direta da criança na sala de aula. Os dados colhidos foram anotados em um caderno, o que facilitou a leitura e o estudo fundamentado nos autores mencionados ao longo do texto, em seguida usados para compor este texto.

## 5. RESULTADOS

Na prática foi interessante conhecer a realidade da família, da escola e da criança com dislexia, foram entrevistados os participantes na busca pela inclusão e pelo desenvolvimento desse aluno. A tabela a seguir traz informações sobre os profissionais pesquisados.

FUNÇÃO	FORMAÇÃO PROFISSIONAL	TEMPO DE EXPERIENCIA NA ÁREA EDUCACIONAL
Diretora	Pedagoga pós-graduada em Psicopedagogia	34 anos
Coordenadora	Pedagoga pós-graduada em Psicopedagogia	27 anos
Coordenadora	Pedagoga pós-graduada em Psicopedagogia	25 anos
Professora	Pedagoga pós-graduada em Psicopedagogia	9 anos
Professora	Pedagoga	16 anos
Professora	Pedagoga	9 anos
Professora	Pedagoga	7 anos

Pesquisar sobre a relação entre a família e a escola no contexto da inclusão escolar trouxe a possibilidade de conhecer sobre a necessidade da aproximação dessas duas vertentes, é muito importante que as duas instituições caminhem juntas, como objetivo de buscar o desenvolvimento da criança com necessidades educacionais especiais, cada uma tem seu papel, a família sozinha não consegue obter sucesso, bem como a escola sozinha também não consegue obter êxito na prática da inclusão, ambas necessitam de ser parceiras. De acordo como o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (2004, p.11):

é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade a efetivação dos direitos referente à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, e à convivência familiar e comunitária.

O Estatuto da Criança e do Adolescente dispõe desses direitos, para todos desse público independente de sua condição física, psíquica ou social, e todos necessitam não só desse conhecimento, como de todos os direitos que exclusivamente a pessoa com necessidades educacionais especiais tem. A inclusão precisa acontecer inicialmente dentro da

família, os pais no início quando recebem a notícia da deficiência de sua criança, levam um susto, muitos não aceitam, rejeitam a criança, enfim, mas se esquecem de que todos têm seus direitos e devem ser respeitados. É muito importante que a família busque a toda orientação que necessitar, e em hipótese alguma deve transferir a responsabilidade total do desenvolvimento do filho à escola. Diante da pesquisa realizada é evidente que o trabalho dos profissionais da educação só obteve sucesso com o apoio e participação da família na vida da criança.

É importante ressaltar que a escola em que foi realizada a pesquisa de campo não se enquadra totalmente aos artigos da LDB, e é nesse momento que a família é convocada para auxiliar nesse trabalho, um exemplo que ficou evidente na citação da LDB Art. 58º anteriormente mencionada. A estrutura da escola não dispõe de certos profissionais de apoio, e quando há necessidade a família precisa fazer essa interferência e buscar apoio fora da escola, porém é muito importante que haja compreensão entre a instituição familiar, para que uma não culpe a outra pelos insucessos ou lhe dê obrigações que não lhes cabem, cada uma deve exercer sua função de acordo com o que lhe é proposto.

O caso apresentado nesse estudo é especificamente de uma criança com dislexia, em que a princípio esse aluno passou por duas escolas, causando problemas, pois a família não sabia que ele era disléxico. As demais escolas por onde passou não souberam lidar com a situação, segundo a mãe a criança ficava muito nervosa por não conseguir absorver o conhecimento técnico da escola e sempre ficava irritado, não gostava da escola. Diante disso foi necessária a mudança de escola pela terceira vez, a criança já havia sido retida e foi matriculada nessa instituição no segundo ano do Ensino Fundamental com oito anos de idade, foi um processo complicado tanto para a criança, quanto para a família, pois a mãe afirma que sentia perdida, pois temia que a criança pudesse ter algum tipo de transtorno e custava a aceitar que isso poderia acontecer. A dislexia geralmente aparece após o início da vida escolar, é um transtorno do cérebro que faz com que o processamento de letras e sons seja feito de forma diferente.

A dislexia é caracterizada fundamentalmente pela presença de grande dificuldade para a aquisição da leitura, geralmente acompanhada por idêntica problemática em relação à escrita, quando não existe atraso cognitivo, problema psicológico ou deficiência sensorial que justifique tal transtorno. A maioria das crianças disléxicas sofre com os frequentes fracassos escolares, os quais geram o rebaixamento da auto-estima e, conseqüentemente, levam a

comportamentos que variam da apatia à agressividade, tornando a vida escolar e familiar muito desgastante. (MALUF. 2008, p.24)

Conforme a citação acima, assim ocorreu na vida escolar dessa criança, pois ao chegar com oito anos de idade nessa escola, em comparação com os demais alunos até mais novos matriculados no 2º ano, ele apresentou grande dificuldade, não conseguia identificar as letras, juntava algumas letras formando sílabas simples em situações momentâneas, não conseguia ler e se concentrar, diante disso se sentia frustrado, inquieto ao ver os colegas lendo e escrevendo e ele ainda não conseguindo realizar maior parte das atividades.

Ao perceber essa situação, a direção e coordenação convocaram a família para que juntas pudessem tomar uma iniciativa para ajudar a criança. A mãe se prontificou a procurar um profissional da área da saúde, porém só quase um ano após essa primeira reunião, e de várias conversas com a professora e direção, ela comunicou que iria levar a criança a uma clínica especializada, composta por psiquiatra, fonoaudiólogo e psicólogo. A mesma afirma que a princípio não acreditou que o filho tinha algum tipo de dificuldade de aprendizagem, apesar de que ele com oito anos de idade não sabia ler palavras complexas, não interpretava, confundia letras com números, se concentrava pouco, ficava irritado se o forçassem a fazer as atividades. Diante disso ainda achava que a culpa daquela situação era das escolas anteriores, mas se sente hoje agradecida pela iniciativa da atual escola ter demonstrado várias vezes interesse em ajudar, incentivando a família a buscar ajuda. Mesmo sem o diagnóstico e laudo médico, a professora utilizou de metodologias diferenciadas para trabalhar com a criança, esteve sempre aberta ao diálogo na busca pelo bom desenvolvimento desse aluno.

A mãe diz que quando veio o diagnóstico do filho com dislexia, contou para a família e imediatamente buscaram saber mais sobre o assunto, fizeram pesquisa via internet, conversaram com profissionais da área educacional e da saúde, e se mantêm presentes na vida escolar da criança, além de terem compreendido e acolhido o filho com respeito e compreensão, em momento algum colocam a responsabilidade sobre ele somente na escola, mas buscam manter o laço entre aluno, escola e família.

A direção e coordenação pedagógica da escola, juntamente com o corpo docente, podem realizar pesquisas, buscar informações relevantes sobre a deficiência dos alunos, buscar novas metodologias de ensino e desenvolver entre si momentos de encontros para troca desse conhecimento, com o objetivo de facilitar o trabalho dentro da escola. Sendo assim, proporcionar a família também um momento de encontro para discutir juntos o conhecimento



obtido, realizando reuniões, conversas informais, nos quais o foco seja mostrar a deficiência de maneira clara, demonstrar as limitações e potencialidades de cada um. A escola pode pesquisar, realizar encontros pedagógicos para trabalhar a pauta da inclusão e compartilhar o conhecimento sobre as deficiência, as potencialidades, as limitações e o desenvolvimento da criança com a família no intuito de buscar maior interação e melhor desenvolvimento da criança com NEEs, por isso é tão importante investigar a temática selecionada.

Durante o período de observação dentro da escola, das entrevistas realizadas, foi possível perceber que o aluno disléxico, que foi o foco dessa pesquisa, se desenvolveu bastante. Atualmente ele já realiza as mesmas atividades que seus colegas do 5º ano, está mais concentrado, mais confiante. Com 12 anos de idade o mesmo em conversa informal afirma que está muito feliz, pois depois que seus pais o levaram em profissionais da área da saúde e passaram a ficar mais presentes em sua vida, ele se sente com a autoestima elevada, ainda apresenta certas dificuldades, mas em comparação com a forma em que chegou nessa instituição de ensino seu sucesso é visível. É importante relatar que minha experiência profissional se difunde nessa história, pois tive a oportunidade de trabalhar com esse aluno durante o seu primeiro ano nessa instituição, foi uma história marcante, em que pude participar e acompanhar de perto e posso afirmar que todas as entrevistas e conversas com os demais colegas foram reais e mostraram o que realmente foi vivenciado dentro da escola, desde o início até os dias atuais, até mesmo a evolução do envolvimento da família é gratificante, ver a aceitação dos pais, o interesse em estar sempre na escola e na vida dessa criança.

A instituição de ensino sempre buscou uma harmonia entre família e escola, obtendo êxito em sua prática, mas se tratando especificamente dessa criança que apresenta o laudo de dislexia, ao receber o aluno a direção afirma que de início foi complicado, pois ele se recusava a fazer as atividades e a permanecer na sala de aula, porque se julgava incapaz de aprender. Aos poucos em conversas com a família, com a professora e até com os colegas de classe, esse aluno foi interagindo e começando a se incluir no processo de aprendizagem, colocando em prática novas metodologias e formas de avaliar.

Os professores necessitam realizar avaliações com os alunos, e ao se trabalhar com inclusão, somos remetidos também à questão da avaliação. Nesse caso, ao observar a avaliação realizada pela escola, é evidente antes de avaliar, que “o professor deve refletir

sobre a finalidade da avaliação e do que pretende atingir. Na sala de aula, o docente precisa descobrir as condições sob as quais uma criança apresentará o seu melhor desempenho” (KATHLEEN, 2003, p.27). Na escola pesquisada a avaliação foi realizada de forma diferenciada, a família foi convocada e a coordenação explicou aos pais como seria a forma de avaliar, o motivo pelo qual será realizada de forma diferente dos demais alunos, sem exigências com testes e provas e sim acompanhando os avanços e desenvolvimento contínuo da criança, concordando com Kathleen (2003, p.27) que “a criança que precisa de uma intervenção terapêutica é aquela que apresenta esses padrões de forma regular e consistente.”

A avaliação autêntica, em contexto, permite que o professor que tem um aluno com dislexia na sala de aula observe e registre verdadeiramente o que a criança faz, quais as estratégias de aprendizagem que estão a ser usadas e que progressos se estão a registrar (KATHLEEN, 2003). Assim, esse aluno com dislexia, após ter sido devidamente diagnosticado, sua família ter compreendido a situação dele, ao fazer acompanhamento com psicólogo e ser realizado um trabalho diferenciado com ele dentro da sala de aula regular, demonstrou-se confiante, encorajado, foram reforçados seus pontos fortes e hoje é uma criança tranqüila e mesmo que ainda tenha dificuldades, já consegue ter o intuito de buscar o conhecimento e o interesse de deixar que a escola trabalhe com ele a fim de ajudá-lo a superar os desafios da aprendizagem.

A mãe da criança com dislexia afirma que *“Tive que ser muito paciente, meu filho tinha dificuldade em se lembrar das suas coisas, inclusive de pedidos ou ordens que recebia, confundia horas e dias da semana. Providenciar apoio especializado e estar em interação com a escola foi muito importante, pois ajudou o meu filho e a minha família”*.

É importante mencionar que o papel do professor é fundamental, pois a criança tem muito contato com ele dentro de sala de aula e através da vivência, do desenvolvimento das atividades é o professor que faz o primeiro diagnóstico informal de um caso como esse da dislexia, encaminhando para a coordenação pedagógica da escola que buscará as medidas necessárias para a situação. Fonseca (1995, p.35) diz:

Somos de opinião que o professor primário deve ele próprio construir os seus instrumentos de diagnóstico pedagógico (diagnóstico informal) a fim de conduzir a sua atividade mais coerentemente... É do maior interesse o uso de instrumentos que permitam detectar precocemente qualquer dificuldade de aprendizagem, pois só assim uma intervenção psicopedagógica pode ser considerada socialmente útil, pois quanto mais tarde for identificada a dificuldade, menos hipóteses haverá para solucionar corretamente.

Nesse sentido, o professor que se interessa em ajudar seus alunos, que visa realmente a aprendizagem e o sucesso, ao perceber qualquer diferença, deve apresentar o caso à coordenação pedagógica, deve também respeitar seu aluno sem que haja um sentimento de pena ou de discriminação, buscando melhores metodologias para se trabalhar em sala de aula visando à inclusão de todos em sua aula.

Durante a observação e entrevistas realizadas com a coordenadora da escola, foram apresentados alguns impasses que dificultam a realização de uma boa relação com a família, como a resistência de alguns professores em receber alunos com deficiência, que mesmo tendo formação ainda se sentem inseguros de como trabalhar com esses alunos, que de início acontece, mas com o tempo na referida escola foi sendo contornada essa situação, como cita Sampaio (2011, p.43)

É indispensável que o docente seja alguém capaz de não somente transmitir conhecimento, mas, também de construir com o aluno conhecimento, transmitindo emoções e valores, para que este não permaneça enrijecido com os sentimentos gerados pelas dificuldades que enfrenta e seja capaz de descobrir que existem outras formas de passar pelos sentimentos. A participação da família na escola contribui muito com a melhora do rendimento escolar do aluno.

## 6. DISCUSSÃO

Diante do estudo de caso realizado, houve uma relevância em saber de que forma aconteceu a inclusão dessa criança com dislexia em uma classe regular, de uma escola particular aconteceu. As entrevistas realizadas foram de suma importância para desenvolver essa pesquisa, pois possibilitaram conhecer um pouco da realidade das pessoas envolvidas nesse processo de inclusão escolar e a relação com a família. Assim, Rosa e Arnoldi (2006) e Luna (1988, p.71) referem-se à pesquisa como “uma atividade de investigação capaz de oferecer e, portanto, produzir um conhecimento novo a respeito de uma área ou de um fenômeno, sistematizando-o em relação ao que já se sabe”.

### 5.1 Breve histórico da criança com dislexia segundo a família e sua relação com escola

É notório que a participação dos pais é essencial para que uma criança considerada sem necessidades educacionais especiais tenha sucesso em sua vida escolar e pessoal, o que torna ainda mais importante quando se sabe que o filho apresenta algum distúrbio, transtorno, deficiência. Como estamos tratando da relação entre a escola e a família que nesse caso tem uma criança com dislexia, foi de suma importância conversar com os pais para saber a visão do assunto, seus anseios, angustias, dificuldades e a reação diante da situação.

Os pais demonstraram-se felizes e abertos para participarem dessa pesquisa, mostrando interesse em falar sobre como foi o processo de descoberta da dislexia, o desenvolvimento da criança e como vem sendo a relação junto à escola. No início da entrevista com os pais foi questionado sobre o início da vida escolar da criança, quando começaram a surgir as primeiras dificuldades de aprendizagem. *“O estresse emocional foi grande, cada tarefa de casa era uma guerra, por inúmeras vezes meu filho ficou agressivo e angustiado, muito nervoso por não conseguir fazer as atividades, nós sem saber como lidar acabamos pressionando a fazer, dando até castigo, achávamos que era preguiça e birra”*, afirma o pai, quando questionado sobre a reação do filho diante das atividades escolares.

Foi possível perceber que no início os pais se sentiam despreparados, não sabiam como lidar com a situação e não se preocuparam em procurar ajuda profissional, tentavam resolver as dificuldades com conversas, castigos e ameaças, caso a criança continuasse a dar

trabalho para fazer as atividades escolares e se continuasse a se comportar com agressividade e nervosismo na escola e em casa.

A vida escolar dessa criança teve início em outra escola, a mãe afirma que com 6 anos ele era tido como o “terror” da classe, pois era uma criança inquieta, não fazia as atividades propostas, quando era pressionado se comportava mal, ela começou a sentir envergonhada diante de tantas reclamações que a direção fazia, até mesmo outras pessoas a criticavam e ela não sabia o que fazer, achava que era indisciplina e sempre procurava meios de punir a criança por suas atitudes errôneas. Até que chegou ao ponto de perceber que a criança estava muito estressada e havia perdido o interesse pela escola. A direção, assim como ela, achava que a criança precisava de limites, e culpava a família por não educar a criança e os pais afirmam que eles também culpavam a escola pelo fato de a criança não estar desenvolvendo a aprendizagem. Enfim, depois de uma relação difícil com a antiga instituição, diante de tantos acontecimentos, os pais resolveram mudar a criança de escola, com intuito de tentar melhorar a aprendizagem da criança e o relacionamento com a comunidade escolar.

A princípio, o aluno foi recebido bem na nova escola, a família relatou a direção tudo o que havia acontecido. Assim, a direção e a professora passaram a observar o comportamento do aluno, com o objetivo de descobrir o que havia de errado com aquela situação. Nos primeiros meses, ficou claro a dificuldade de aprendizagem, o aluno com 8 anos só conseguia ler sílabas simples, não interpretava o que lia, copiava com letra bonita, muito legível, mas não compreendia o que estava escrevendo, era muito espontâneo brincalhão e ao mesmo tempo chorava e se sentia angustiado por não conseguir atingir seus objetivos, mudava de humor rapidamente e não conseguia se concentrar, sendo assim a direção percebeu que havia algo de errado no comportamento da criança e chamou os pais para uma conversa. A mãe afirma que *“nunca passou pela minha cabeça que o problema poderia ser algo relacionado a algum déficit, sempre achei que fosse falta de limites no meu filho, a diretora me explicou várias situações e me pediu para levá-lo a um psicólogo.”*

Essa conversa aconteceu no fim do primeiro semestre, o pai afirma que ficou preocupado, porém foi deixando o tempo passar e não procurou nenhum profissional durante aquele ano, quando eles perceberam já estava no fim do ano, o tempo havia passado, a escola sempre solicitando a presença deles, conversando, chamando para estar mais presentes, mas devido ao pouco tempo disponível, não deram importância e vivam adiando a ida da criança

ao psicólogo. Porém no ano seguinte, a direção foi firme com os pais e afirmou que “*vocês estão prejudicando seu filho, ele precisa de ajuda e do apoio familiar*”. A partir daí, no mesmo dia marcaram uma consulta e começaram a levá-lo em uma clínica especializada em diagnóstico infantil, onde todos os profissionais necessários para o acompanhamento de criança com deficiência ou qualquer tipo de necessidades educacionais especiais, eram realizados lá.

Depois de passar por avaliação o diagnóstico foi dado, “*meu filho tem dislexia grave*”, os pais afirmam que ficaram meio perdidos, mas os profissionais lhes deram todo suporte necessário, a escola recebeu a criança normalmente, sem demonstrar preconceito ou resistência na inclusão. A partir desse diagnóstico o corpo docente passou a pesquisar sobre o assunto, buscaram adaptações no currículo, novas práticas pedagógicas, novas maneiras de lidar com a criança e tudo começou a melhorar. Dessa forma, os pais se sentiram fundamentais no apoio a criança e sentiram-se gratos a escola por terem insistido em trazê-los para dentro do processo de desenvolvimento do filho, norteando o caminho em que eles precisariam seguir para buscar o auxílio necessário à criança.

## **5.2 A realidade da inclusão escolar de uma criança com dislexia na Escola Branca de Neve na visão dos professores**

As entrevistas realizadas com os professores da instituição de ensino pesquisada possibilitaram conhecer como vem sendo o desenvolvimento do processo de relação entre a família e a escola. Foram entrevistados todos os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental. É importante ressaltar que a maioria já teve oportunidade de trabalhar com esse aluno durante o seu processo de desenvolvimento.

A princípio foi questionado a todos o que eles acham da inclusão de crianças com necessidades especiais nas classes regulares, todas as pessoas entrevistadas demonstraram considerar muito importante a socialização, porém há a necessidade de se ter acompanhamento de outros profissionais dentro da sala de aula para melhor desenvolvimento do trabalho, além de sala de recursos e psicopedagogos, psicólogos, além de outros profissionais da área da saúde dependendo da necessidade da criança.

Os educadores entrevistados têm opinião favorável às práticas inclusivas, todos demonstraram que têm alguma dificuldade para lidar com o trabalho com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais e às vezes se sentem obrigados a receber essas crianças em suas classes, mesmo que o professor não tenha formação suficiente e nem preparação, precisam receber e buscar subsídios que possibilitem trabalhar bem com esses alunos, visando o sucesso de seu aprendizado e desenvolvimento, cumprindo seu papel de educador.

As escolas, de modo geral, têm conhecimento da existência das leis acerca da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais no ambiente escolar e da obrigatoriedade da garantia de vaga para estas. As equipes diretivas respeitam e garantem a entrada destes alunos, mostrando-se favoráveis à política de inclusão, mas apontam alguns entraves pelo fato de não haver a sustentação necessária como, por exemplo, a ausência de definições mais estruturais acerca da educação especial e dos suportes necessários a sua implementação. (BRASIL, 2005a, p.25)

A citação acima demonstra a realidade vivenciada dentro dessa escola, que vem desenvolvendo um trabalho voltado para a inclusão, porém ainda há entraves que atrapalham a eficácia e o sucesso da inclusão.

Em seguida, questionados sobre a relação da escola com a família no processo de inclusão, houve discussão, já que quando a escola recebeu essa criança, ele apresentava grande dificuldade de aprendizagem, não se relacionava bem, se sentia inferior por não conseguir aprender como os demais e a família ao ser abordada, no início não acreditou que fosse necessário levar essa criança a um profissional de saúde. A criança chegou com oito anos de idade e foi matriculada no 2º ano do Ensino Fundamental, a professora durante todo o ano pedia para os pais levarem a criança a um profissional mais especializado para fazer uma avaliação e a resistência durou o ano todo e ele foi levado só no ano seguinte. A professora que trabalhou com a criança no ano seguinte de início sentiu dificuldades, pois ele estava em um nível de aprendizagem bem abaixo dos demais alunos, a mãe começou a se conscientizar e aceitar que estava na hora de procurar ajuda. No sentido da preocupação com o desenvolvimento de uma criança, os professores entrevistados alegam que a família deveria se mostrar mais preocupada que a escola, e a partir do momento em que perceber diferença no desenvolvimento da criança ou que receber algum alerta da escola, deveria se sentir no dever de procurar informações e ajuda profissional.

Assim, percebemos que a família tem um papel importantíssimo na vida de seus filhos, pois o desenvolvimento inicial acontece no meio familiar. A escola vem apenas

reforçar os valores e ao trabalhar com a aprendizagem, ao perceber que a criança apresenta alguma dificuldade, a família deveria se mostrar pronta a aceitar e se dispor a buscar acompanhamento de profissionais da saúde para a criança, o que nem sempre acontece na realidade.

Ao serem questionados se todos se sentem preparados para trabalhar com crianças com necessidades educacionais especiais, os professores afirmam não se sentir totalmente seguros, mesmo alguns tendo formação, ainda não se sentem aptos para realizar um trabalho de sucesso, tem se esforçado e buscado sempre melhorar suas práticas e melhorias, mas até por falta de recursos didáticos e de apoio pedagógico, afirmam que precisam melhorar a prática pedagógica. Evidentemente que os docentes precisam estar preparados para receber todos os diferentes alunos que lhes chegam nas salas de aula, buscar uma educação de qualidade para todos independente de sua condição física, psicológica e social, Ferreira afirma que

Desenvolver qualidade educacional e promover o desenvolvimento profissional de docentes para educar na diversidade, em um país com dimensões territoriais e pluralidade cultural significativas, como é o caso do Brasil, não é tarefa para poucos ou de curto prazo. Todos devemos estar conscientes de que o processo de mudança acarretará turbulências, temor, desacordos entre áreas de conhecimentos, dúvidas e inseguranças que podem nos imobilizar. Contudo, as mudanças são necessárias e urgentes, e, para alcançá-las é preciso estabelecer alianças e parcerias, realizar trocas e compartilhar experiências de sucesso ou de fracasso. Somente assim, superando as barreiras que nos imobilizam e atemorizam, seremos capazes de construir sistemas educacionais mais justos e igualitários, mais humanizados e humanizadores para educador e para cada criança, jovem e adulto que representam a diversidade existente no país. (FERREIRA, 2006, p.322).

Ao serem questionados sobre a necessidade de se adaptar o currículo escolar do aluno disléxico, foi dito que no 2º e 3º anos do Ensino fundamental as professoras precisaram trabalhar com ele atividades da educação infantil no intuito de melhorar sua coordenação motora, diferenciação de letras e números, além da alfabetização, professora do 3º ano diz: ” *Enquanto os outros alunos estavam lendo e interpretando textos, ele ainda estava juntando as sílabas e formando palavras e sílabas simples*”, a professora do 2º ano afirma que

*“Quando ele chegou, já tinha 8 anos de idade, os colegas de classe já liam, faziam cálculos de matemática simples e ele misturava letras e números, sentia dificuldades de aprender o nome das letras, esquecia rápido e não conseguia se concentrar, diante de sua dificuldade,*



*gostava muito de sair da sala para andar pela escola, pois se sentia envergonhado de não conseguir aprender como os demais”.*

Realmente o currículo teve que ser adaptado, e suas atividades e a forma de realizá-las era diferente dos demais.

A política de inclusão de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino não consiste apenas na permanência física desses alunos junto aos demais educandos, mas representa a ousadia de rever concepções e paradigmas, bem como desenvolver o potencial dessas pessoas, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades (BRASIL, 2001a, p.12).

Desse modo, ao diferenciar o currículo, foi possível auxiliar no desenvolvimento da criança, logo que a família aceitou levá-lo a um profissional da saúde e obteve o diagnóstico de dislexia. Os professores buscaram maneiras de trabalhar com a criança e buscaram se informar sobre as necessidades da criança, a evolução dele foi evidente, hoje ele não sente tanta dificuldade como antes, já lê, escreve, faz cálculos, se concentra, é evidente que não normalmente como as outras crianças, mas comparando com o modo em que ele chegou na escola, seu avanço foi surpreendente.

### **5.3 A equipe gestora da escola e sua relação com a família e a inclusão**

A equipe de direção da escola foi entrevistada, foram tratados diversos assuntos entre eles a questão da inclusão escolar e a forma de proporcionar um bom relacionamento entre a instituição de ensino e a família. A escola tem como objetivo em sua proposta pedagógica trabalhar com a inclusão, recebendo alunos com necessidades educacionais especiais e proporcionando a estes um ambiente acolhedor e tranquilo, onde seu desenvolvimento e aprendizagem seja o foco para que a inclusão aconteça realmente. De acordo Palorin (2006, p.166)

Uma educação de qualidade para todos, respeitando todas as diferenças, evitando todo e qualquer mecanismo de exclusão, preconceito ou rótulo. O aluno com necessidades especiais não é visto mais a partir de suas limitações, mas sim sobre o prisma de suas potencialidades, competências e capacidades, como forma de desenvolver-se plenamente como cidadão.

Diante desse pressuposto, uma escola que mantém essa ideia de focar na potencialidade do aluno, é muito importante para que a inclusão de fato aconteça. Questionados sobre a preocupação da equipe gestora em relação a receber alunos com algum

tipo de deficiência, foi afirmado que muitos são os impasses, a preocupação em receber as crianças com alguma deficiência existe, pois há um receio do corpo docente, por se sentirem despreparados para trabalhar com esses alunos, mas é só receio mesmo, a princípio parece muito difícil, mas a direção dá muito suporte e apoio aos professores, buscam informações e repassam a eles, buscam matérias, metodologias e sempre estão dando subsídios para a realização de um bom trabalho.

Muitas outras ações são necessárias para o melhoramento da inclusão escolar, como, por exemplo, a estrutura física da escola. Já foram feitas algumas adaptações, mas ainda faltam muitos detalhes, que infelizmente não foram disponibilizados recursos suficiente para realizá-los. É uma instituição particular muito procurada por pais de crianças com deficiência que possuem uma condição financeira melhor, por disponibilizar de profissionais experientes e com boa formação, além de trabalharem a pedagogia afetiva, a escola é muito bem aceita na comunidade, já teve diversos alunos com as mais variadas necessidades educacionais especiais, onde todos obtiveram sucesso durante seu desenvolvimento escolar nas séries iniciais, e o caso do aluno com dislexia não poderia ser diferente.

Ao ser questionada sobre a relação com a família, a direção afirma que já sentiu grande dificuldade nesse aspecto, pois existem pais que não aceitam que seus filhos sejam diferentes. A diretora citou outro caso de criança com NEEs, em que a escola vem fazendo o possível, de forma muito civilizada para chamar a atenção dos pais dessa outra criança que está com muita dificuldade na aquisição da linguagem, ela está com quase cinco anos de idade e ainda não consegue falar, apenas balbucia algumas palavras fáceis e infelizmente os pais acham que é normal e não querem levar a criança a um especialista, a diretora diz que “*é muito complicado lidar com certas famílias, muitas vezes eles prejudicam mais os filhos do que a própria deficiência, quando a família tem a mente aberta é maravilhoso receber o apoio, mas quando a família não aceita a conversa sobre o assunto, dificulta bastante o trabalho e principalmente o desenvolvimento da criança*”. Diante dessa afirmação é importante salientar que o diagnóstico e laudo são importantes, porém antes mesmo da família e a escola terem esse laudo em mãos, é interessante buscar novas metodologias e formas diferenciadas de se trabalhar com a criança, como ocorreu neste caso estudado, em que a professora começou a trabalhar com metodologias diferenciadas antes de saber que tipo de necessidade especial a criança tinha.

A escola procura manter um relacionamento amigável com todos os pais, convidam para estarem presentes nas atividades escolares, realiza eventos, reuniões e vem buscando promover a participação deles na vida escolar dos filhos, pois é muito importante esse apoio familiar. Além disso, é muito trabalhado a questão da igualdade, os próprios colegas são incentivados a incentivar o colega que apresenta deficiência, a conscientização por parte dos alunos é notável, desde os menores até os alunos maiores, são muito cuidadosos e amigáveis, às vezes é interessante que eles até se esquecem de suas diferenças e agem com naturalidade. A diretora diz que *“é muito bonito ver como as crianças são puras, não tratam o colega mal só porque ele não consegue ler, ou porque tem algum tipo de deficiência, muito pelo contrário, eles dão muito apoio e amizades igualmente a todos.”*

Portanto, foi de suma importância todas as entrevistas e conversas realizadas, pois trouxeram a possibilidade de conhecer a realidade da inclusão escolar e como é o relacionamento entre a escola e a família dessas crianças. As opiniões e os fatos narrados pelos professores, direção e pais só vieram enriquecer e contribuir essa pesquisa, conhecer as alternativas e ações que vem possibilitando o desenvolvimento do aluno com deficiência e o apoio familiar em sua vida escolar.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre a relação entre família e escola, e as atitudes que ambas devem tomar com relação à aprendizagem, ao desenvolvimento e à socialização da pessoa com deficiência, foi muito importante para melhor compreender e também como agir diante de uma situação de inclusão. A busca pela educação Inclusiva é na realidade a luta pela igualdade e pela não discriminação ao garantir para todas as pessoas, independentes de sua condição financeira, física, psicológica, o acesso à educação, tendo seus direitos respeitados e viabilizar a diminuição do preconceito. Dentro desse contexto esta pesquisa trouxe a possibilidade de verificar como ocorre o desenvolvimento do processo de relação entre a família e a escola, relacionado à inclusão de uma criança com dislexia, além de conhecer o trabalho voltado ao trabalho com essa criança na classe regular.

O contexto dessa pesquisa demonstra a importância de uma boa relação entre família e escola, essa parceria é indispensável para a realização de um trabalho inclusivo eficaz. Muitas barreiras são impostas, principalmente quando a família resiste em aceitar as limitações do filho, mas a escola pode transpor essa barreira, através do conhecimento sobre a deficiência em questão, com diálogo e civilidade. É necessário mostrar a toda a comunidade que a escola precisa do apoio familiar, mas a criança precisa muito mais, quando a família é participativa o sucesso é refletido no aluno que tem atenção, acompanhamento necessário, auxílio em tudo o que for necessário. Ao longo da pesquisa foi possível conhecer alternativas e ações que possibilitem o desenvolvimento do aluno com dislexia e o apoio familiar em sua vida escolar, demonstrando que os objetivos propostos foram alcançados no decorrer do trabalho.

Os professores, diretores, coordenadores pedagógicos e todos os profissionais que estão atuando dentro da escola precisam ficar atentos para as particularidades da aprendizagem de cada aluno com deficiência, além disso devem buscar a parceria com a família, a escola pode e tem muitas possibilidades de fazer com que essa união aconteça. A família precisa se sentir apoiada pela escola, a relação amigável e confortável contribui muito, quando se trata de inclusão escolar, não é só o aluno deve ser incluído no processo, mas a família também.

Portanto, a partir das leituras realizadas, das entrevistas, da observação em sala de aula, dos momentos de discussão e estudo, concluí-se que a escola deve oferecer aos alunos com deficiência o atendimento de direito, no qual sua aprendizagem seja estimulada e seu

desenvolvimento venha ser obtido com sucesso. Nesse sentido, auto-estima do aluno precisa ser trabalhada também, assim se sentirá capaz e útil, possibilitando seu bom convívio na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente/Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social.** – Brasília: MEC, ACS, 2004.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (1994). **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília, DF: Corde

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2001). **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica.** Brasília, DF: Secretaria de Educação Especial.

DESSEN, M. A., & Braz, M. P. (2000). **Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16(3), 221-231.

FONSECA, V. **Educação especial: programas de estimulação precoce - uma introdução às ideias de Feuerstein.** 2. ed. Porto alegre: Arte Médica,1995.

KATHLEEN, Anne Hennigh. (2003). **Compreender a dislexia um guia para pais e professores.** Porto: Porto Editora.

LÓPEZ, I Sarramona. **Educação na família e na escola: o que é, como se faz.** 2.ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane. **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.** Brasília: Editora UNB,2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº. 17/2001, de 03 de julho de 2001. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação. Básica.** Brasília: MEC, 2001a.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. **Aprendendo a incluir e incluindo para aprender**. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2006.

POLÔNIA, A. C., & Dessen, M. A. (2005). **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola**. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 303-312.

KREPPNER, K. (2000). **The child and the family: Interdependence in developmental pathways**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11-22.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de Aprendizagem**. 3. ed. A psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2011.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. - 1ª edição. São Paulo: Editora Gente, 1996.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EQUIPE PEDAGÓGICA E DIREÇÃO DA ESCOLA

- 1- Como tem sido realizado o trabalho de inclusão escolar nessa instituição?
- 2- O que tem sido feito para proporcionar um bom relacionamento entre a instituição de ensino e a família?
- 3- Qual a proposta pedagógica da escola?
- 4- A estrutura física da escola está preparada para receber alunos com deficiência física? E os materiais didáticos, como tem sido esse trabalho de adaptação de currículo com esses alunos?
- 5- Quais as dificuldades encontradas para se trabalhar com a inclusão?
- 6- E a família, tem contribuído como o trabalho da escola? De que forma? Quais os impasses enfrentados junto às famílias?
- 7- O corpo docente da escola se sente pronto para trabalhar com a inclusão?
- 8- E o aluno com dislexia, como foi recebido na escola? E sua família como foi recebida? O que foi feito para chegar ao diagnóstico da criança?
- 9- O desenvolvimento da criança foi bom? Como foi feito o trabalho com o aluno, os professores e a família?
- 10- Suas considerações finais.



## APÊNDICE B- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A FAMÍLIA DA CRIANÇA COM DISLEXIA

- 1- Como foi o início da vida escolar dessa criança?
- 2- Quais as dificuldades que foram notadas no início?
- 3- Ele sempre estudou na mesma escola? Se houve mudança de escola, qual foi o motivo?
- 4- A relação entre a família com escola sempre foi boa? Por que?
- 5- Como a criança se comportava no início da vida escolar? E atualmente houve mudanças?
- 6- Como a criança foi recebida na nova escola?
- 7- A escola atual tem sido aberta a participação da família?
- 8- Quando a escola solicitou aos senhores que levasse a criança a um especialista, qual foi a reação?
- 9- E o diagnóstico como foi recebido pela família? O que pensaram? Que atitudes foram tomadas?
- 10- O que você acha da forma da escola de seu filho trabalhar com a inclusão?
- 11- Houve evolução da aprendizagem da criança?
- 12- Suas considerações finais.

## APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES.

- 1- Qual opinião de vocês sobre o trabalho com a inclusão escolar desenvolvido nessa instituição?
- 2- O que vocês acham da inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais nas classes regulares?
- 3- Como foi a chegada do aluno com dislexia na sala de aula? Já havia diagnóstico? Como ele se comportava?
- 4- Como foi desenvolvido o trabalho com essa criança?
- 5- E a família, como reagia junto ao corpo docente que recebeu a criança? A família sempre buscou apoio? Houve resistência em levar a criança a um especialista?
- 6- A professora que recebeu o aluno logo no início, recebeu a criança se sentindo preparada? s
- 7- Houve avanços no desenvolvimento da criança?
- 8- Como se sentem hoje ao ver a criança já lendo e executando diversas atividades?
- 9- Vocês se sentem preparados para trabalharem com inclusão? Por que?
- 10- Suas considerações finais.

## ANEXOS



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

**Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB**

**Polo:** \_\_\_\_\_

**Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a)** \_\_\_\_\_

**Instituição:** \_\_\_\_\_

### Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S<sup>a</sup> o(a) cursista pós-graduando(a) \_\_\_\_\_ que

está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
 Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diva Albuquerque Maciel**



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

---

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre \_\_\_\_\_.  
 Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de \_\_\_\_\_ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como \_\_\_\_\_ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone \_\_\_\_\_ ou no endereço eletrônico \_\_\_\_\_. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do Participante Voluntário

Nome do Participante Voluntário: \_\_\_\_\_

E-mail(opcional): \_\_\_\_\_



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre \_\_\_\_\_. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de \_\_\_\_\_ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como \_\_\_\_\_ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone \_\_\_\_\_ ou no endereço eletrônico \_\_\_\_\_. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do Professor

Nome do Professor: \_\_\_\_\_

E-mail(opcional): \_\_\_\_\_